

Anorexia e melancolia*

Mônica Assunção Costa Lima

O texto desenvolve a proposição freudiana, que se encontra no Rascunho G, de que a anorexia é a neurose paralela à melancolia. Propõe que o elo entre melancolia e anorexia deve ser buscado no campo do narcisismo. Explora quatro aspectos da melancolia que permitem a aproximação destas duas afecções, entre elas, a inibição, a perspectiva de uma instância crítica que se diferencia do eu e se volta contra ele, o sadismo com que essa instância crítica trata o eu, e a identificação do eu ao objeto.

Palavras-chave: Anorexia, melancolia, paralelo, narcisismo

251

* Este texto foi elaborado, como comentário, para a banca de qualificação de mestrado da aluna Flávia Coutinho Campos Cunha, no departamento de psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (Belo Horizonte, MG, Br). Trabalho realizado em parceria com o Núcleo de Investigação em Anorexia e Bulimia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Subvencionado pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Puc-Minas (Belo Horizonte, MG, Br). Grupo de Pesquisa: Sintomas contemporâneos – Investigação em Medicina e Psicanálise.

Introdução

O artigo pretende investigar a hipótese proposta por Freud, no Rascunho G, de que a anorexia é a neurose paralela à melancolia (Freud, 1969, p. 283). A hipótese nunca foi aprofundada ou desenvolvida pelo próprio Freud.

Nosso objetivo é extrair algumas consequências da proposição freudiana, que aproxima anorexia e melancolia, buscando explicitar as contribuições do texto “Luto e melancolia” para o entendimento do sintoma anoréxico.

Acreditamos que o conceito-pivô, na articulação da anorexia à melancolia, é o narcisismo. Freud sustenta que a melancolia é uma neurose narcísica. O narcisismo, como se sabe, encontra-se no cerne da análise freudiana sobre a afecção melancólica. Assim, pois, a pergunta fundamental a ser feita para o esclarecimento da relação entre anorexia e melancolia é a que se segue. O que “Luto e melancolia” ensina sobre a teoria do narcisismo elaborada um ano antes, em 1914? Teoria que comporta uma construção acerca da identificação responsável pela constituição do eu e do corpo.

Melancolia, oralidade e identificação

Na nota que introduz “Luto e melancolia”, na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, o editor inglês lembra que Freud, tendo escrito o primeiro esboço do artigo, o submete à apreciação de Abraham. Este último lhe envia, então, um longo comentário, cuja principal contribuição é apontar a ligação entre melancolia e fase oral do desenvolvimento libidinal.

O editor assinala, no entanto, pouco adiante na nota introdutória, que Freud, já havia, ele próprio, considerado a associação da fase oral

ou canibalista à identificação. Em seu texto “Totem e tabu”, de 1913, ele comentou que, no ato de devorá-lo, os filhos realizavam sua identificação com o pai (Freud, 1912[1913], p. 145).

Além do mais, num trecho acrescentado à terceira edição dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, e escrito alguns meses antes da elaboração de “Luto e melancolia”, Freud descreveu a fase oral canibalista como o protótipo do processo de identificação.

Ou seja, Abraham assinala a Freud a existência de uma relação entre melancolia e fase oral. Freud já havia proposto que a fase oral canibalista é o protótipo da identificação. Por último, “Luto e melancolia” apresenta a afecção melancólica como o resultado da identificação do eu com o objeto perdido. O que interessa, então, é esclarecer, em primeiro lugar, que tipo de identificação Freud discute em “Luto e melancolia” para, em seguida, verificar o que essa identificação nos ensina sobre o narcisismo, elo fundamental entre anorexia e melancolia.

Adiantamos desde já, que a identificação de que fala Freud, em “Luto e melancolia”, parece ser de um tipo especial que não coincide com a identificação ao pai, em “Totem e tabu”, tampouco com a identificação com algum traço do ideal do eu, proposta em “O narcisismo: uma introdução”.

A perturbação da identificação narcísica na anorexia

Quando insistimos na ideia de que o narcisismo é o nexos entre anorexia e melancolia, é porque, na clínica da anorexia, encontramos uma perturbação no nível da identificação narcísica. O sintoma anoréxico se organiza em torno de um impasse identificatório do sujeito com sua imagem corporal, que tem graves consequências para o eu. Este aspecto é evidenciado pelo fato de que a anoréxica, embora extremamente emagrecida, continue a se ver gorda no espelho e se angustie com um excesso, que perturba o princípio do prazer associado à imagem narcísica.

Pensar a anorexia pela via da perturbação da identificação narcísica nos permite compreender porque, nos casos das anorexias santas, registradas na Idade Média, embora não houvesse preocupação com a magreza – que não era um ideal da época – havia, ainda assim, uma perturbação narcísica.

Cybelle Weinberg mostra em seu estudo sobre as chamadas anorexias santas que encontramos algo de comum nas histórias das Santas Vilgefortis, Clara de Assis, Rosa de Lima, Verônica Giuliani e Catarina de Siena, a saber, as práticas sacrificiais sistemáticas impostas ao corpo. Além dos jejuns, tais práticas incluíam a redução do sono ao mínimo possível, banhos gelados no inverno, o uso

de coroa de espinhos e cinta de ferro etc. (Weinberg, 2006, p. 31-53). Reconhecemos, aí, certo tipo de tratamento do corpo que se aproxima da mortificação e que consiste na subtração de qualquer prazer experimentado neste registro. Reconhecemos também a busca decidida por certo ideal de corpo, que no final das contas parece se resumir à anulação da carne e do mundo dos sentidos. Trata-se de reduzir a carne a nada, com o intuito de fazer florescer a dimensão espiritual.

O narcisismo em Freud e Lacan

Retornando, agora, ao tema do narcisismo é importante dizer que Freud e Lacan defendem o ponto de vista de que o narcisismo é a operação necessária para que o sujeito constitua não apenas um eu, mas também um corpo.

No texto “O eu e o isso”, Freud (1923, p. 39) propõe que o eu nada mais é do que a projeção de uma superfície corporal. Já no artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914, p. 84), ele afirma que o eu é uma instância que não existe no homem desde o começo, mas tem que ser desenvolvida. E este desenvolvimento depende de que uma ação psíquica seja adicionada ao autoerotismo, a fim de provocar o narcisismo.

De acordo com Freud (1914, p. 106), o narcisismo é um período do desenvolvimento libidinal no qual o sujeito investe toda a libido em si mesmo. Ele diferencia dois tipos de narcisismo: o primário (primeiro narcisismo no qual a criança toma a si mesma, como objeto de amor) e o secundário (tentativa de recuperação deste estado primeiro, que foi perdido, pelo retorno da libido ao eu).

O que define o narcisismo secundário, segundo Freud (1914, p. 101), é o investimento da libido em um ideal imposto ao eu, como o substituto do narcisismo perdido da infância. E a satisfação encontrada nesta situação advém da realização, pelo sujeito, desse ideal.

O ideal do eu surge da influência crítica dos pais, educadores, e da opinião pública, transmitidas por intermédio da voz. Por meio do ideal do eu, o homem mede seu eu real e, nessa operação, um eu ideal se constitui, tornando-se alvo do amor por si mesmo. O eu ideal passaria a desfrutar do amor, experimentado na infância pelo eu real, e o narcisismo secundário surgiria a partir do investimento libidinal nesse novo eu, o qual, como o eu infantil, se acha possuído de toda perfeição e valor (Freud, 1914, p. 100, 102).

Ainda no mesmo texto, Freud (1914, p. 102) considera a possibilidade de que um agente psíquico realize a tarefa de assegurar a satisfação narcisista

proveniente do ideal do eu, e que, com essa finalidade, observe constantemente o eu real. Sabemos que foi de uma combinação entre esse agente e o ideal do eu que Freud posteriormente deduziu o supereu, articulado à teoria do complexo de Édipo.

Lacan, por sua vez, efetua uma leitura do narcisismo freudiano, a partir da montagem de um modelo ótico, no texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”.

Segundo o psicanalista francês, o bebê, por volta de seis meses, começa a reconhecer sua imagem no espelho. Quando isso acontece, ele faz uma série de gestos e experimenta ludicamente a relação dos movimentos de sua imagem com o ambiente refletido no espelho, e a relação do reflexo no espelho com a realidade, que é um duplo deste reflexo (Lacan, 1949, p. 93).

A criança vê sua imagem total refletida no espelho, mas existe uma discórdância entre essa visão global da forma de seu corpo, que precipita a formação do eu, e o estado de dependência e impotência motora em que ela se encontra, na realidade. A criança antecipa, por meio dessa experiência, o domínio de seu corpo, enquanto anteriormente experimentava esse corpo como despedaçado. Por isso, se acha cativada pela imagem no espelho e se rejubila (p. 94).

Trata-se de uma imagem ideal dela mesma, dada como uma miragem, a qual nunca conseguirá unir-se. A criança se identifica com essa imagem, toma-se pela imagem, embora esta se situe fora dela. É assim, pois, que Lacan interpreta o narcisismo freudiano. A imagem no espelho seria o ideal apresentado ao eu real, e a formação do eu e do corpo se daria em função da identificação da criança a essa imagem. Para Lacan, o narcisismo é a identificação primordial com a imagem ideal de si mesmo, que produz uma transformação no sujeito. A imagem ideal será a fonte das identificações secundárias, as quais desempenharão a função de ordenação libidinal (p. 94).

Isso posto, gostaríamos de lembrar que a clínica da anorexia explicita algo que faz obstáculo para que essa ação psíquica, chamada narcisismo, se conclua de modo satisfatório. Coloca em evidência algo desfuncionante, no estádio do espelho, e que perturba a constituição do corpo e da identidade nestes sujeitos.

Sabemos que, para o ser falante, fazer-se um eu e um corpo sexuado não é fácil, nem simples. É o que mostra, de diferentes maneiras, a experiência clínica com a anorexia, a esquizofrenia, e a histeria.

No caso da esquizofrenia, constatamos que a inoperância do ideal do eu, que não se instaurou a partir da dissolução do complexo de Édipo, e o fracasso do estádio do espelho, conferem ao sujeito a experiência de um corpo despedaçado. Já na histeria, a dificuldade do sujeito para assumir um corpo feminino também o conduz à experiência da fragmentação do corpo. Um tipo de fragmentação que, obviamente, se distingue da encontrada na esquizofrenia. Trata-se da fragmentação

funcional, que se revela por meio da formação dos sintomas conversivos, que recortam partes do corpo e as elevam ao estatuto de zona erógena.

No caso da anorexia, o sujeito está sempre em desacordo com seu corpo, que não atinge nunca a forma esperada, apesar dos jejuns, vômitos, e do uso de laxantes e/ou diuréticos. O sujeito tenta se fabricar um corpo, pelos métodos citados, mas o corpo desejado permanece de modo indefinido no horizonte e só será alcançado de modo assintótico.

E, agora, retomaremos às perguntas que orientam nossa argumentação para respondê-las. O que a melancolia ensina sobre a perturbação do narcisismo, nestes sujeitos? O que ela ensina a respeito dos impasses encontrados, no processo de constituição do corpo e do eu (particularmente nos casos de anorexia)?

Melancolia e narcisismo na anorexia

Analisaremos quatro aspectos da melancolia destacados por Freud, em “Luto e melancolia”, para fazer avançar nossa aproximação deste quadro à anorexia. São eles: 1) A inibição; 2) A introdução da perspectiva de uma instância crítica que se diferencia do eu e se volta contra ele; 3) O sadismo com que essa instância crítica trata o eu; 4) A identificação do eu ao objeto.

A primeira semelhança entre melancolia e anorexia pode ser encontrada do lado da inibição. Nieves Soria Dafunchio (2009, p. 72) sugere que a anorexia deve ser tomada não como sintoma, mas como inibição do desenvolvimento da puberdade. Ali, onde as curvas começam a se insinuar, colocando em jogo a relação com os homens e com o olhar masculino, surge a inibição como solução.

O sintoma anoréxico, como se sabe, provoca o desaparecimento dos caracteres sexuais secundários e a amenorréia. Verificamos nestes quadros, não apenas a inibição da função alimentar, mas também da função amorosa e da sexualidade. No caso da melancolia, surge igualmente uma série de inibições das funções do eu: do sono, da atividade laboral e da alimentação. Freud assinala ainda outro tipo de inibição, aí encontrada: a inibição da capacidade de amar.

Ele já havia apresentado, em 1914, sua hipótese de que há uma catexia libidinal original do eu, que é transmitida posteriormente aos objetos. Para Freud (1914, p. 83), a libido pode ser investida nos objetos e depois retirada. Existiria, então, uma antítese entre a libido do eu e a libido objetal. Quanto maior o investimento libidinal nos objetos, menor o investimento no eu e vice-versa.

Tanto no caso da anorexia quanto no da melancolia, a balança libidinal indiscutivelmente pende para o eu. Há um investimento maciço no eu, no corpo e em sua imagem, e uma pobreza de investimentos objetais. A melancolia, segundo

Freud, é o resultado da ruptura de uma ligação com o objeto que faz com que a libido retorne a seu reservatório original, o eu. Fica, aqui, a questão de saber se, na anorexia, podemos encontrar algo similar.

Outro aspecto merece nossa atenção, nessa aproximação da melancolia com a anorexia. Freud assinala que, diferentemente de um sujeito que se encontra envolvido em um trabalho de luto, o melancólico exhibe diminuição acentuada de sua autoestima. Degrada-se perante todos, sem que haja correspondência entre o grau de autodegradação e sua real justificação. Freud nota (1917[1915], p. 251-253), neste comportamento, uma enorme satisfação do melancólico no desmascaramento de si mesmo.

Isso se justifica, diz Freud, pelo fato de que, na melancolia, uma parte do eu se coloca contra a outra, toma-a como objeto, e julga-a criticamente. E o psicanalista reafirma em “Luto e melancolia” o que já havia dito no texto sobre o narcisismo: este agente crítico, que se separa do eu, pode revelar sua independência em outras circunstâncias (Ibid., p. 253).

Como dissemos acima, foi a partir deste ponto que Freud elaborou, mais tarde, suas noções de ideal do eu e supereu, apresentados como o resultado da identificação do sujeito ao pai. Ou seja, o ideal do eu e o supereu, apenas esboçados em “Sobre o narcisismo: uma introdução” e em “Luto e melancolia”, como agentes críticos que se voltam contra o eu, serão posteriormente relacionados por Freud à identificação canibalística, apresentada em “Totem e tabu”, e que consiste em comer e incorporar o pai. Essas instâncias psíquicas são o que restam do pai, agora morto, mas que continua a viver, nos filhos, sob a forma da inscrição de suas insígnias.

Mais tarde, no artigo “O eu e o isso”, Freud (1923, p. 44) dirá que essa identificação pode ocorrer tanto com a mãe quanto com o pai. Mas, o que importa é que em “Psicologia das massas e análise do eu”, texto dedicado à elucidação dos diferentes tipos de identificação, Freud (1921, p. 115) diz que a identificação ao pai é a identificação primária, da qual todas as outras formas de identificação derivam.

Em 1917, no entanto, ao examinar a melancolia, Freud se contenta em dizer que, neste quadro, há tensão entre duas partes do eu que se divide. E uma das partes torna-se a instância crítica que trata de modo sádico a parte do eu identificada ao objeto perdido, em questão no processo patológico.

A hipótese freudiana para explicar a melancolia é a de que existia inicialmente uma escolha objetal efetuada de modo narcísico (o objeto foi escolhido por sua semelhança com o sujeito), e, em função de uma decepção, a relação objetal foi destroçada. O melancólico, então, ao em vez de deslocar a libido investida no objeto perdido para outro objeto, a desloca para o próprio eu. O eu incorpora o objeto, em conformidade à fase canibalista do desenvolvimento libidinal,

devorando-o. Identifica-se ao objeto perdido e passa a ser julgado por um agente especial como se fosse o próprio objeto (Freud, 1917, p. 254, 255).

O conflito entre o eu e o objeto que foi perdido se transforma, deste modo, num conflito entre a atividade crítica do eu e o eu alterado pela identificação. A identificação ao objeto substitui a escolha, o amor objetual de base narcisista. Ocorre uma espécie de regressão da escolha objetual para o narcisismo original. (Ibid., p. 255).

Segundo Freud, o amor pelo objeto, ao se refugiar na identificação narcisista, transforma-se em ódio contra esse objeto substitutivo. A ambivalência da catexia erótica do objeto já existia. E essa catexia sofre um duplo destino: parte dela, como dissemos, retrocede para a identificação e outra parte, sob a influência da ambivalência, retrocede ao sadismo. Este aspecto torna compreensível a satisfação do eu em degradar-se, envilecer-se, pois os ataques do eu se endereçam, de fato, ao objeto perdido ao qual ele encontra-se identificado (Ibid., p. 257).

Eis aí mais um ponto em que se pode reconhecer o parentesco entre melancolia e anorexia. Nesta última, também, encontramos tensão e desacordo intensos entre, de um lado, uma instância crítica e, de outro, o eu, o corpo e sua imagem.

O supereu ataca de maneira sádica o corpo, sua imagem, e o eu, nos casos de anorexia, e se apresenta mais na vertente do supereu chamado por Lacan de obsceno e feroz, que veicula o imperativo “goza”, do que na do supereu que permitiria ao sujeito o trânsito no simbólico e no laço social.

O supereu, em Freud, já o dissemos, é resultado da identificação primária ao pai. A identificação primária, em Freud, é com o pai, embora o psicanalista afirme em “O eu e o isso” (1923, p. 44) que ela pode acontecer com o pai ou com a mãe. É por isso que Lacan afirma que a identificação primária, além de ser a identificação ao pai é também a identificação do sujeito à linguagem, aos significantes do Outro primordial.

Neste sentido, é uma identificação que tem relação com o poder absoluto do Outro materno que filtra, fragmenta e modela as necessidades do filho, na estrutura da linguagem. E a identificação primária, que dá origem ao supereu e ao ideal do eu, vale ressaltar, é o que orienta a constituição do eu, do corpo e de sua imagem. Tanto Freud em seu texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” quanto Lacan em “O estádio do espelho”, afirmam que essa constituição se dá em função de um ideal. Vimos acima que o eu ideal (imaginário) se conforma, de algum modo, ao ideal do eu (simbólico).

Lacan (1962-1963, p. 42), no *Seminário X, A angústia*, lembra que a relação especular depende da constituição do sujeito no lugar do Outro e tem relação com o significante. Isso pode ser verificado quando a criança, diante do espelho, se volta para aquele que a carrega nos braços, com o intuito de verificar se ele

reconhece sua imagem. O bebê demanda à mãe, que representa, aqui, o Outro, que ratifique o valor da imagem à qual ele se identifica no espelho. Aspecto em que podemos reconhecer a matriz simbólica que organiza o estádio do espelho.

E, no que diz respeito a este ponto, há toda uma problemática a ser discutida no campo da anorexia. Trata-se da constatação frequente de certo tipo de relação do pai e da mãe com sua filha, que não favorece a constituição de um ideal de corpo, de ser feminino, tampouco de um sujeito desejante. Não favorece a constituição de um supereu e de um ideal de eu que, por sua vez, facilitaria a construção do eu e do corpo sexuado. Isso explica a tirania e o rigor destas instâncias psíquicas no sujeito anoréxico, que o julga de modo estrito e cruel.

Desde sua primeira indicação sobre o ideal do eu, no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud distinguiu duas dimensões desta instância psíquica. Como assinala Marta Gerez-Ambertin (2009, p. 58, 59), de um lado, Freud mostra que o ideal do eu idealiza as identificações com os atributos amáveis, a partir da posição do Outro, mas, de outro lado, torna-se severamente crítico e inimigo da segurança egoica.

Essas duas vertentes do ideal do eu correspondem à dupla face do pai: o pai do amor e o pai maligno. Ainda de acordo com a leitura de Gerez-Ambertin (p. 64), a transformação do pai da horda primitiva em pai simbólico (sob a forma do ideal do eu e do supereu), que legífera e pacífica, não dissolve completamente os restos do terrível *Urvater*, cujo gozo não tem limite. Estes restos podem ser reconhecidos no fato de que a agressividade anteriormente dirigida ao pai se volta contra o próprio sujeito, por intermédio do ideal do eu e do supereu.

Este aspecto maligno do ideal do eu é apontado por Freud (1923, p. 102), ao relacioná-lo ao delírio de ser notado, de ser vigiado, presente em algumas patologias tais como as doenças paranoides. Nestes casos, o ideal do eu aparece como uma intromissão estrangeira e hostil.

Este é o caso do melancólico, cujo eu, alterado pela identificação ao objeto perdido (ao mesmo tempo amado e odiado), vocifera sadicamente contra a outra parte do eu, produzindo um desarranjo econômico do narcisismo. O que buscamos mostrar é que assim como a identificação ao pai, pela via do amor, não dissolve totalmente o gozo terrível do pai gozador, a identificação ao objeto perdido na melancolia também presentifica um resto estranho e inassimilável.

E essa vertente maligna do ideal do eu e do supereu, ao que parece, pode ser encontrada, do mesmo modo, na anoréxica, que tem a imagem de seu corpo e seu eu cruelmente depreciados. Nessa patologia, o mais acentuado não é a vertente pacificadora do ideal do eu e do supereu, mas, ao contrário, a vertente maligna, que coloca em jogo este resto de gozo do pai primevo que não se transformou em amor, desejo ou lei. Este aspecto nos leva à pergunta sobre o objeto ao qual o melancólico se identifica. Que objeto seria esse?

Como se sabe, Freud (1914, p. 254) diz que, na melancolia, a escolha objetual regride para a identificação ou para o narcisismo. Quando isso ocorre, a sombra do objeto recai sobre o eu. O mais importante, no entanto, é que ao contrário do que se passa em “Totem e tabu”, em que a perda do pai devorado e introjetado gera uma identificação que garante o laço do sujeito com os irmãos e com a cultura, na melancolia, a perda do objeto gera um tipo de identificação que provoca a queda dos laços com o semelhante e com o Outro. O melancólico é aquele que não sustenta sua inscrição no campo do Outro, tampouco as relações com os semelhantes.

Isso, de alguma forma, também acontece no sintoma anoréxico, que faz o sujeito se voltar para um gozo autoerótico, que implica uma completa desconsideração para com o Outro. Encontramos, com muita frequência, concomitante ao desenvolvimento da anorexia, a ruptura dos laços sociais, afetivos e amorosos do sujeito. Encontramos o mergulho do sujeito no lago de Narciso, que implica um tipo de fascinação pela própria imagem que dispensa e substitui a fascinação pelo parceiro na realidade.

Assim, a sombra do objeto que recai sobre o eu, na melancolia, promove a queda dos laços do sujeito. E podemos, então, perguntar: haveria também, na anorexia, um objeto que faz sombra sobre o eu? E se houver, qual é o estatuto deste objeto?

Lacan (1962-1963, p. 139) fornece uma pista no *Seminário X, A angústia*, para fazer avançar a questão. Ele começa dizendo que a identificação está no princípio do luto. Identificação a quê? Lacan não o diz, mas supomos tratar-se da identificação ao objeto amado que foi perdido. Isso porque, em seguida, ele coloca a pergunta: “Como *a*, objeto de identificação, é também *a*, objeto de amor?”. E para respondê-la, ele fornece o que se segue: amamos com o que não temos. Com o objeto *a* que não temos. É por isso que podemos encontrar esse objeto *a*, na via regressiva, na identificação, sob a forma da identificação ao ser. E é também por essa razão que Freud chama de regressão a passagem do amor à identificação.

O que apreendemos dessa colocação é que, na origem do amor, está a primeira experiência de satisfação de que nos fala Freud. Amamos e desejamos porque fomos privados do objeto dessa satisfação primária, porque este objeto nos foi subtraído. Para nos constituirmos como sujeitos amantes e desejantes, tivemos que renunciar a certo tipo de gozo, o qual se tornou posteriormente causa de desejo e amor. Isso se aproxima da proposição de Marta Gerez-Ambertin que destacamos acima, quando ela ressalta que, no amor ao pai assassinado que permite a identificação dos filhos a esse pai, persiste um gozo obscuro não assimilável.

Nota-se, então, que por essa via, Lacan lê a hipótese freudiana em “Luto e melancolia” de modo particular. Como mencionamos, Freud afirma que no

melancólico, a partir da perda do objeto amado, há uma regressão da escolha objetal narcisista à identificação. Para Lacan, o que é encontrado nessa via regressiva é o resto que permaneceu inassimilável ao desejo e ao amor. Ele lê a hipótese freudiana da regressão da escolha objetal à identificação, na melancolia, como identificação ao objeto *a*. O sujeito regressaria da escolha objetal ou do amor para o gozo perdido que se encontra na origem desse amor.

Ou seja, o que é incorporado pelo melancólico não é o objeto perdido de amor, e sim o objeto perdido que causa amor. O objeto que cai sobre o eu do melancólico não é um objeto narcisista, como afirmou Freud, e sim o objeto pequeno *a*, objeto causa do desejo.

Essa pequena correção muda toda a perspectiva, pois, se aceitamos a ideia, então podemos reconhecer, aí, um tipo de identificação com o resto, com o dejetivo, que se faz, não pelo traço unário ou pela via narcísica do semelhante, e sim pela via do gozo.

Agora, torna-se mais claro porque Freud aproxima a anorexia da melancolia. Essa aproximação se justifica pela especificidade da identificação nestes dois quadros clínicos. Trata-se de uma identificação ao objeto *a*, cujo principal efeito é o de afetar o eu e sua imagem pelo gozo.

No que se refere a este tipo de identificação, na anorexia e na melancolia, não estamos diante de uma identificação ao objeto amado narcisisticamente, e sim de uma identificação que perturba o narcisismo, o amor do sujeito por sua imagem ideal, e a organização ortopédica do eu e do corpo.

O que retorna sobre o corpo, o eu e sua imagem, é o gozo que escapou à mortificação que a linguagem infringiu sobre o corpo. Gozo que escapou à *gestalt* da imagem, no espelho, e que tem a função de recobrir e velar o objeto *a*.

O efeito principal da sombra do objeto *a* que recai sobre o eu e sua imagem parece ser a desmontagem da armadura que sustenta o eu e o corpo. O gozo que retorna desarma o eu e o corpo, produzindo uma série de perturbações identificatórias e de acontecimentos corporais.

E não é um acaso se, na melancolia, como na anorexia, encontramos ampla variedade de fenômenos corporais. Cito como exemplo o texto de Wilhelm Griesinger, publicado em 1865, no qual ele faz um inventário das manifestações somáticas mais frequentes nos quadros melancólicos: anomalias da sensibilidade e do movimento, sensações de vazio, de mortificação de um membro, ou de todo o corpo, sensações penosas na superfície da pele, movimentos lentos ou suprimidos, contratura dos músculos da face, para não falar da presença da hipocondria (p. 20, 21).

Referências

DAFUNCHIO, N. S. Hacia la inhibición como nominación imaginaria. In: EIDELBERG, A. et al. *Porciones de nada*. Buenos Aires: Serie del Bucle, 2009.

EIDELBERG, A. et al. *Porciones de nada*. Buenos Aires: Serie del Bucle, 2009.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913[1912-13]). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1917[1915]). Luto e melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1921). A psicologia das massas e a análise do eu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923). O eu e o isso. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GEREZ-AMBERTIN, M. *As vozes do supereu na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

GRIESINGER, W. Melancolia no sentido mais estrito. In: QUINET, A. (Org.). *Extravios do desejo*. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999.

LACAN, J. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

_____. (1962-1963). *Le séminaire. Livre X. L'Angoisse*. Paris: Seuil, 2004.

WEIMBERG, C.; CORDÁS, T. A. *Do altar às passarelas, da anorexia santa à anorexia nervosa*. São Paulo: Annablume, 2006.

Resumos

(Anorexia and melancholia)

This article elaborates on Freud's position that anorexia is a neurosis parallel to melancholia. The author suggests that the link between melancholia and anorexia is to be found in the field of narcissism. Four aspects of melancholia are discussed,

allowing an approximation of these two conditions. They , among them, inhibition, the perspective of a critical instance that differs from the ego and can turn against it, the sadism with which that critical instance treats the ego, and identification of the ego with the object.

Key words: Anorexia, melancholia, parallel, narcissism

(Anorexie et Mélancolie)

Cet article développe l'idée freudienne selon laquelle l'anorexie est une névrose parallèle à la mélancolie. Nous défendons que le lien entre la mélancolie et l'anorexie se trouve dans le domaine du narcissisme. Nous explorons les quatre aspects du cadre mélancolique qui permettent d'opérer un rapprochement entre ces deux conditions, soit l'inhibition, la perspective d'une instance critique qui diffère du moi et se retourne contre lui, le sadisme avec lequel cette instance critique traite le moi et l'identification du moi à l'objet.

Mots clés: Mélancolie, anorexie, parallèle, narcissisme

(Anorexia y melancolia)

El texto desarrolla la propuesta freudiana, que se encuentra en el Esbozo G, de que la anorexia es una neurosis paralela a la melancolía. Propone que el vínculo entre la melancolía y anorexia debe ser encontrado en el campo del narcisismo. Explora cuatro aspectos del marco clínico melancólico que permiten la aproximación de estas dos condiciones (la anorexia y la melancolia): la inhibición, la perspectiva de una instancia de crítica que se discrimina del yo y se coloca contra él, el sadismo con que trata esa instancia crítica al yo, y la identificación del yo con el objeto.

Palabras clave: Melancolía, anorexia, paralelismo, narcisismo

(Anorexie und Melancholie)

Der Text bespricht die freud'schen Darlegung, die sich im Entwurf G befindet, dass die Anorexie die parallele Neurose zur Melancholie ist. Es wird vorgeschlagen, dass das Bindeglied zwischen Melancholie und Anorexie im Bereich des Narzissmus zu suchen ist. Es werden vier Aspekte der Melancholie untersucht, die die gegenseitige Annäherung dieser beiden Affekte erlauben: die Hemmung, die Perspektive einer kritischen Instanz, die sich vom Ich unterscheidet und sich gegen dieses wendet; der Sadismus, mit dem diese kritische Instanz das Ich behandelt und die Identifizierung des Ich mit dem Objekt.

Schlüsselwörter: Anorexie, Melancholie, parallel, Narzissmus

Citação/Citation: LIMA, M.A.C. Anorexia e melancolia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 251-264, jun.2012.

Editor do artigo/Editor: Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

Recebido/Received: 12.3.2011 / 3.12.2011 **Aceito/Accepted:** 7.6.2011 / 6.7.2011

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original author and source are credited.

Financiamento/Funding: A autora declara ter sido financiada pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas / The author has support by the Fundo de Incentivo à Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas.

Conflito de interesses/Conflict of interest: A autora declara que não há conflito de interesses/The author declares that has no conflict of interest.

MÔNICA ASSUNÇÃO COSTA LIMA

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); professora do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas (Belo Horizonte, MG, Br).

Rua Professor Raimundo Nonato, 350 – Horto

31010-520 Belo Horizonte, MG, Br

Fone: (31) 3285-1589 / 9191-6919

e-mail: aclimamonica@gmail.com